

**(RE) CONHECIMENTO DA PRÁTICA INTERCULTURAL NA FORMAÇÃO
DO PROFISSIONAL DE LE**

**(RE) CONOCIMIENTO DE LA PRACTICA INTERCULTURAL EN LA
FORMACIÓN DEL PROFESIONAL DE LE**

ORTIZ ALVAREZ Maria Luisa

Universidade de Brasília

marialuisa.ortiz@gmail.com

Resumo: Pensar uma educação a partir de uma perspectiva intercultural é não apenas reconhecer a cultura do outro como diferente, mas entender e respeitar o fato de que pertencer a uma cultura diferente significa pensar e se relacionar no mundo, e com o mundo, de forma diferente. Dentro dessa perspectiva, exercem também um papel fundamental, quando se fala em mudança, os formadores de professores, considerados os verdadeiros mediadores de qualquer proposta de renovação. Assim, a compreensão dos processos e práticas educativas, como mencionado por Forquin (1993, p. 167), "[...] supõe levar em consideração as características culturais dos próprios professores, os saberes, os referenciais, os pressupostos, os valores que estão subjacentes [...] à identidade profissional e social". O foco da nossa reflexão está orientado a identificar os desafios com relação ao (re)conhecimento da prática intercultural nas Diretrizes Curriculares e nos cursos de formação do profissional de LE nas universidades.

Palavras-chave: formação de professores; língua estrangeira; interculturalidade; prática intercultural.

Resumen: Pensar en una educación dentro de una perspectiva intercultural no es apenas reconocer la cultural del Otro como siendo diferente, sino entender y respetar el hecho de que pertenecer a una cultura diferente significa pensar y relacionarse con el mundo, de forma diferente. En esa perspectiva, ejercen también un papel fundamental, cuando se habla en mudanza, los formadores de profesores, considerados los verdaderos mediadores de cualquier propuesta de renovación. Así, la comprensión de los procesos

y practicas educativas, como menciona Forquin (1993, p. 167) "[...] presuponen llevar en consideración las características culturales de los propios profesores, los saberes, los referenciales, los presupuestos, os valores que están subyacentes [...] a la identidad profesional y social". El foco da nuestra reflexión consiste en identificar los desafíos con relación al (re)conocimiento de la practica intercultural en las Directrices Curriculares y en los cursos de formación do profesional de LE en las universidades.

Palabras-clave: formación de profesores; lengua extranjera; interculturalidad; practica intercultural

Introdução

A interculturalidade, como valor, traduz-se na constatação da suma pobreza individual que só se combate e contraria no encontro pleno com os outros.

Roberto Carneiro (2001)

Com a vida marcada pela globalização, a sociedade atual está passando por grandes transformações e, dentro desse marco, é comum se deparar com as dificuldades de comunicação entre indivíduos de línguas e culturas diferentes. As boas intenções, os comportamentos e atitudes adotados para uma aproximação amigável e também a possibilidade de benefícios recíprocos não parecem suficientes para garantir o sucesso da comunicação, para surpresa de muitos.

Sob a ótica bakhtiniana, é no diálogo das diferenças que a pessoa se descobre como sujeito e descobre o Outro com relação a aspectos étnicos e culturais. Entendendo que todas as culturas têm valor e podem contribuir para enriquecer o processo de construção do conhecimento, acreditamos que a Educação deveria assumir uma perspectiva intercultural, pois esta se apresenta como uma possibilidade de se compreender a complexidade das interações humanas, criando condições para que haja crescimento de todos os sujeitos e grupos aos quais pertencem, promovendo, assim, mudanças profundas na educação.

O conhecimento da língua-cultura de outro povo é válido e relevante, não somente pelo fato de o aprendiz conseguir uma maior interação com os usuários da língua que estuda, mas para ficar mais consciente das diversidades culturais que existem no mundo, incluindo na sua própria. Isso significa que a base para a intercompreensão e

interação entre indivíduos, em nossa avaliação, deve apoiar-se no binômio conhecimento/ respeito.

O diálogo que se estabelece entre indivíduos pertencentes a distintas culturas se manifesta como uma busca pelo “Outro”, num processo de comunicação imprescindível, como na concepção de Umberto Eco apresentada num tratado sobre semiótica (ECO, 1975, *apud* AGRA, 2006):

[...] a cultura, como um todo, é um fenômeno de significação, comunicação e humanidade, e sociedade só existe a partir do momento em que se estabelecem relações de significação e processos de comunicação.

Mas para entender melhor a perspectiva intercultural, trazemos a seguir o conceito de interculturalidade.

- **Interculturalidade**

A noção do intercultural parte do conceito de que as culturas não se encontram isoladas. Por conta disso, a interculturalidade pode ser manifestada de três principais formas. A primeira mostra que o contato entre diferentes culturas não deve conter uma relação de dominação e de não reconhecimento da cultura alheia. Já a segunda diz que, ao entrar em contato com uma cultura, é necessário que haja um diálogo, uma negociação, respeito e reconhecimento das particularidades dessas culturas, o que pode vir a modificar alguns símbolos existentes nelas, devido à interação. E a última forma define o conceito de interculturalidade como uma relação entre duas ou mais culturas, porém com o reconhecimento de que o resultado de um diálogo não irá afetar as diferentes culturas. (ORGANIZACIÓN EN ESTADOS IBEROAMERICANOS - OEI, 1997-1998, p. 04).

Assim, a interculturalidade propicia:

[...] a interação e o diálogo como verdadeiros caminhos para o encontro efetivo e afetivo entre indivíduos e grupos, em vista da busca de convergências que possam fundamentar a construção de uma sociedade intercultural, onde todos, com suas diversidades tenham direito de cidadania. (MARINUCCI, 2006, p. 2.)

Cantoni (2005, p.11) afirma que interculturalidade é transpor as barreiras da própria cultura e ver o “Outro” de forma equivalente, reconhecendo a sua cultura como

diferente e não inferior ou superior à sua específica. Assim, o conceito de “interculturalidade” significa que os indivíduos negociem os sentidos até se chegar à compreensão mais profunda e verdadeira possível dos sentidos atribuídos à linguagem/língua dos interlocutores. Ser intercultural é repensar as nossas categorias culturais reconhecendo as múltiplas fontes da nossa identidade, praticar a sensibilização para a compreensão de códigos culturais e assim poder superar estereótipos no percurso do diálogo intercultural. Significa refletir, pensar a diferença, o “Outro”, não como diversidade, mas como um discurso relacional em que o próprio sistema de sua representação está em questionamento. Desta análise e reflexão, poderão se relativizar dados (fossilizados e) estereotipados que possam impedir a comunicação.

Segundo Hofstede (1991, p. 266, grifo do autor), o ponto de partida para que as barreiras sejam solucionadas é a “**tomada de consciência**”, em que o indivíduo passa a compreender melhor a realidade do outro. Ou seja, a aprendizagem de outros valores culturais pode ser concretizada conforme a “**aquisição de conhecimento**”.

É uma posição bastante próxima da concepção do termo “intercultural” apresentada por Mendes (2004, p.154):

[...] ação integradora capaz de suscitar comportamentos e atitudes comprometidas com princípios orientados para o respeito ao Outro, às diferenças, à diversidade cultural que caracteriza todo o processo de ensino/aprendizagem de línguas, seja ele de línguas ou qualquer outro conteúdo escolar. É o esforço para a promoção da interação, da integração entre os indivíduos de diferentes mundos culturais. É o esforço para se partilhar as experiências, antigas e novas, de modo a construir novos significados.

Dessa forma, a comunicação intercultural pressupõe uma mediação entre os falantes intervenientes para que as identidades culturais, sociais e políticas de ambos não se imiscuem como obstáculos na comunicação, isto é, construir pontes culturais em lugar de fronteiras e barricadas, metaforicamente falando.

- **Comunicação intercultural**

Ao considerar a comunicação como um conjunto de jogos de ações dialógicas, central aos seres humanos, deve-se levar em conta que os significados linguísticos são também combinados aos significados cognitivos

e perceptuais nos conduzindo à visão de que mundos diferentes fazem parte dos jogos de ações. (BERWIG; GODOI; RIBEIRO, 2008, p. 4)

Segundo Smith (1966), a comunicação humana é um conjunto sutil e engenhoso de processos. Ela é sempre densa com milhares de ingredientes – sinais, códigos, significados – e milhares de componentes que estão em operação (a maioria deles ao mesmo tempo). A comunicação torna-se ainda mais intrincada se forem consideradas também as dimensões culturais: mesmo que as culturas utilizem símbolos para compartilhar suas realidades, tais realidades específicas e tais símbolos usados são, com frequência, muito diferentes. Por exemplo, numa determinada cultura, o indivíduo sorri de modo casual como uma forma de cumprimento, ao passo que, em outra, a pessoa se curva formalmente em silêncio, e, ainda noutra, o indivíduo recebe seu amigo com um abraço. Por essa razão, enfatizar a importância da comunicação que depende da linguagem (verbal e não-verbal) e da cultura, e definir esses dois últimos elementos é importante para sustentar a ideia de que, se o mecanismo da comunicação funcionar com todos os seus elementos devidamente sintonizados, a consequência será uma comunicação bem sucedida.

Em 1959, um dos grandes precursores do estudo desse aspecto, o antropólogo Edward Hall, fez menção pela primeira vez à expressão “*intercultural communication*”, em seu livro *The Silence Language*. A partir daí, um novo caminho surgiu para as pesquisas sobre a questão do relacionamento entre diferentes culturas (ALSINA, 2006, p. 01). Mas, à medida que esses estudos sobre o tema iam avançando, surgiram alguns problemas, dentre os quais: o etnocentrismo, os mitos, estereótipos e o choque cultural entre uma sociedade (ou grupo) e outra (SCHULER *apud* FREIRIA, 2002, p. 12).

Para Bennett (2002, p.9), a comunicação intercultural nada mais é do que a interação que ocorre quando o enunciado pronunciado por um membro de uma determinada cultura deve ser recebido, interpretado e compreendido por outro indivíduo (interlocutor) pertencente a uma cultura diferente. Compreendemos a enunciação somente porque a colocamos no movimento dialógico dos enunciados, em confronto tanto com os nossos próprios dizeres, quanto com os dizeres alheios.

De acordo com Bakhtin (1992), os participantes de uma conversação elaboram um fluxo dialógico ao posicionarem o ato da linguagem em uma interação frente a frente. Bakhtin acredita que o diálogo engloba qualquer transmissão oral, de toda

espécie. O autor afirma que todo diálogo tem sua natureza social e ocorre em circunstâncias culturais, históricas e institucionais particulares. Bakhtin não compreendia a linguagem fora de seu contexto sócio-histórico, estabelecendo ligação inseparável entre eles. Uma vez que a linguagem só pode ser entendida dentro de um contexto, é inevitável que esteja sujeita às contingências sociais, culturais e ideológicas, compreensão bakhtiniana de que todo discurso reverbera polifonicamente as vozes da cultura.

Sabe-se que a cultura é, em grande parte, responsável pelo recorte das realidades individuais, das competências e, sobretudo, dos comportamentos comunicativos.

Samovar *et al.* (1998, p.53) reforçam o ponto de vista de Bennett, citando os seguintes elementos da comunicação intercultural:

- *a percepção* - o processo pelo qual um indivíduo seleciona, avalia e organiza estímulos do mundo externo. As percepções culturais são baseadas em crenças, valores e sistemas de comportamento;
- *os processos verbais* - como falamos um com o outro e como pensamos;
- *os processos não verbais* - envolvem o uso de ações para se comunicar. O significado dessas ações varia de cultura para cultura;
- *o contexto* do evento da comunicação influenciado pela cultura.

Ting-Toomey (1994) define comunicação intercultural como “um processo de negociação de significados entre duas ou mais pessoas de culturas diferentes com relação a um objetivo”.

Entendemos, pois, que a comunicação intercultural, enquanto prática social, constitui uma interface e vetor dialógico entre os diversos segmentos identitários, culturais, étnicos, componentes da paisagem social contemporânea. Na comunicação intercultural, o ouvinte sempre se vê confrontado com uma certa tensão entre a alta complexidade cultural do Outro e a sua própria tendência de reduzir essa complexidade por encaixar as ações exteriores do Outro em suas próprias categorias que servem a uma canalização aparentemente concludente.

Porém, não é pertinente afirmar que a comunicação intercultural é a solução para o problema de entendimento entre culturas diferentes porque não há interação mesmo

que parcial, se não houver o reconhecimento da existência de outras culturas, da percepção do Outro como um indivíduo igual a nós, mas com ideias diferentes, nem inferiores, tampouco superiores, apenas diferentes. O acesso à visão de mundo e ao estilo de comunicação de outras culturas favorece o aumento de vivências e experiências enriquecedoras e habilita os indivíduos a manterem relações construtivas com as sociedades que têm uma lógica diferente das suas próprias sociedades.

Assim, Bennett (2002, p.9) acredita que o objetivo da comunicação intercultural, é analisar as dificuldades de interação e aumentar a sua eficácia entre culturas. Se esse objetivo for alcançado, será um precioso instrumento para os encontros interculturais. A cultura influirá na comunicação intercultural em função da semelhança ou diferença entre as culturas envolvidas. A presença de experiências semelhantes de valores/ideias/ideais/ compartilhados facilitará adequar as inferências àquilo que um interlocutor quer transmitir. Quanto maiores forem as diferenças culturais entre os interlocutores, maiores ajustes serão necessários para que a mensagem possa ser entendida numa base de conhecimentos compartilhados. Quanto mais próximas (mais semelhantes) são as culturas, maior é o conhecimento compartilhado dos indivíduos e mais fácil será a interação.

Barna (2002, p.137), apresenta alguns fatores que podem interferir na comunicação intercultural e que serão explicitados a seguir:

- **Obstáculos da comunicação intercultural**

- 1. Semelhanças**

Incompreensões e/ou rejeições são frequentes no contato entre indivíduos provenientes de culturas diferentes porque, segundo Barna (2002, p.137), eles pensam, ingenuamente, que existem semelhanças suficientes entre as pessoas do mundo que tornarão fácil a comunicação. O problema é que por mais semelhanças que haja, uma cultura jamais será igual a outra; existirá sempre uma diferença nas crenças, nos valores e em outros aspectos. Como explicita Godoi (2001, p.240), “as comunidades lingüístico-culturais têm suas próprias bases cognitivas, que diferenciam os quadros lingüísticos do mundo”.

Pela existência de diferentes visões de mundo e de diferentes valores, podem ocorrer fracassos comunicativos e conflitos interculturais. Mesmo havendo semelhança, a atenção dispensada no entendimento de símbolos, sinais e indicadores não verbais, será diferente. Nenhum estudo intercultural, afirma Barna (2002, p.138), comprovou a existência de uma linguagem não verbal comum, com exceção da linguagem das expressões faciais da Teoria de Darwin. Com referência à universalidade das expressões faciais, como argumenta Ekman (citado por Barna, 2002, p.138), “o esquema visível no rosto, a combinação de músculos contraídos para exprimir raiva, medo, surpresa, tristeza, desgosto, felicidade (e provavelmente também interesse) são os mesmos para todos os membros de nossa espécie”.

2. As diferenças linguísticas

O vocabulário, a sintaxe, as gírias, os jargões, os dialetos e outros elementos causam dificuldades, e o indivíduo que se depara com uma língua diferente deve, pelo menos, segundo Barna (2002, p.143), estar consciente de que poderá ter dificuldades no contato com ela. Isso acontece com a obstinação com a qual algumas pessoas se fixam a um só significado de uma palavra ou expressão numa nova língua que estão aprendendo, independentemente da conotação ou do contexto.

3. Mal-entendidos não verbais

Indivíduos provenientes de culturas diferentes têm realidades sensoriais diferentes. Eles veem, sentem, tocam e cheiram somente o que para eles faz algum sentido ou tem alguma importância e assimilam tudo o que se adapta ao seu mundo pessoal de reconhecimento, dando uma interpretação aos fatos através do referencial da cultura deles. Daí a interpretação errônea de sinais e pistas não-verbais observáveis – gestos, posturas e outros movimentos do corpo serem uma barreira comunicativa específica.

4. Os estereótipos

O estereótipo é uma defesa do ser humano contra aquilo que para ele é novo e que ele não pode explicar. Para Samovar *et.al.* (1998, p.246), é uma complexa forma de categorização que organiza mentalmente nossas experiências e guia nosso

comportamento em direção a um grupo específico de indivíduos. Os estereótipos são encontrados em quase todas as situações interculturais e psicologicamente necessários, como complementa Bennett (2002, p.145), uma vez que não se consegue tolerar a ambiguidade ou a sensação de impotência resultante da incapacidade de entender e interagir com pessoas e situações além de nossa compreensão. Samovar *et.al.* (1998, p.246) complementam o conceito acima afirmando que o indivíduo tem uma necessidade psicológica de categorizar e classificar as coisas.

O mundo com o qual o indivíduo se confronta é muito vasto, complexo e extremamente transitório para que ele o conheça em todas as suas dimensões, por isso os estereótipos tendem a ser convenientes e eficientes ajudando-o em suas classificações. Segundo os autores citados, os estereótipos são adquiridos como a cultura, ou seja, são aprendidos de diversos modos: a partir dos exemplos dos pais, dos parentes e amigos. Eles se desenvolvem através de um contato pessoal limitado, por isso, se um indivíduo encontra um estrangeiro de um país diferente do seu e percebe que esse estrangeiro não tem muita vontade de trabalhar, é possível que possa generalizar e acreditar que todos os estrangeiros provenientes daquele determinado país são preguiçosos, fazendo um julgamento precipitado da situação.

Os estereótipos representam obstáculos para a comunicação porque interferem na visão objetiva dos estímulos – a procura sensorial de sinais que conduzem a imaginação em direção à realidade do outro indivíduo. Não é tão simples e fácil superar os estereótipos em nós mesmos ou de corrigi-los nos outros ainda que mediante a apresentação de provas. Eles persistem porque estão arraigados como mitos de verdades evidentes na própria cultura de origem.

5. Preconceitos

De acordo com Samovar *et al.* (1998, p.247), os preconceitos, assim como os estereótipos variam em direção e intensidade. Plotnik e Mollenaue (citados por Samovar *et al.*, 1998, p.247) ilustram de forma clara o efeito prejudicial do preconceito e sua ligação com o estereótipo: “O preconceito se refere a uma atitude injusta ou intolerante com respeito a outro grupo de pessoas”.

Quando o preconceito é aplicado em um cenário interpessoal e intercultural, inclui, com frequência, diversos níveis de hostilidade. A dimensão da hostilidade é

explicada por Levin (1975, p.13, *apud* Samovar *et al.*, 1998, p.247) que acredita que o preconceito lida com sentimentos, crenças e tendências de atos negativos ou atos discriminatórios que surgem contra os indivíduos, em razão da posição que ocupam como membros de um grupo minoritário.

Assim como os estereótipos, os preconceitos também são aprendidos na família, na cultura de proveniência, através de experiências vividas. Acarretam, da mesma forma, graves consequências na comunicação intercultural. A interculturalidade vai totalmente contra o etnocentrismo, ou seja, as atitudes discriminatórias e preconceituosas, e a favor do relativismo cultura.

6. Tendência a um julgamento precipitado

Diz respeito à tendência de se fazer um juízo precipitado – numa interação entre dois indivíduos pertencentes a culturas ou grupos étnicos diferentes - ao aprovar ou desaprovar as afirmações e as ações de seu interlocutor. Ao invés de demonstrar boa vontade para entender os pensamentos e os sentimentos inerentes à visão de mundo do outro, o interlocutor acredita que a sua própria cultura e seu próprio modo de vida sejam os mais naturais. E torna-se mais grave quando são envolvidos sentimentos e emoções.

7. O Poder

O poder é simplesmente a habilidade de influenciar o Outro e/ou a habilidade de controlar. Nas relações interpessoais, um indivíduo tem mais poder do que o outro. Em diferentes nações, alguns grupos têm mais poder do que outros grupos. O poder está presente em quase todas as experiências humanas, nas relações de patrão-empregado, pai-filho, na política entre os países economicamente mais poderosos e entre os países economicamente dependentes; mas o verdadeiro obstáculo no caso do poder é o mau uso, ou o abuso dele. Portanto, o entendimento de como o poder pode ser usado de forma inadequada e de como o seu efeito pode trazer consequências positivas ou negativas na comunicação, são questões importantes na compreensão da comunicação intercultural.

A comunicação intercultural oferece uma possibilidade de diminuir os desentendimentos provocados pela necessidade de conviver com culturas adversas, quando frente a tais situações. Para diminuir os obstáculos da comunicação intercultural

(semelhanças, diferenças linguísticas, mal-entendidos não verbais, estereótipos, preconceitos, tendências a julgamentos precipitados, poder, etc.) é preciso desenvolver a competência intercultural.

Samovar *et al.* (1998, p.251) apresentam maneiras de melhorar a comunicação intercultural e todas elas têm como ponto central o indivíduo. Como já foi dito, o sucesso ou o fracasso de uma interação intercultural vai depender do indivíduo, do quanto ele vai cooperar com o Outro, além de praticar os demais mecanismos já apresentados.

Conhecer a si mesmo

O que o indivíduo leva de si, sua colaboração, influencia significativamente para o evento da comunicação. Os autores acreditam que a aplicação da introspecção deveria levar a três direções: primeira, conhecer a própria cultura; segunda, conhecer as próprias percepções; terceira, conhecer como o próprio indivíduo atua nessas percepções. Apesar desses três conceitos se interligarem, os autores acreditam ser necessário examiná-los separadamente.

Conhecer a própria cultura

O primeiro passo, em direção à introspecção deveria ser conhecer melhor a própria cultura. Nós somos produtos de nossa cultura – e essa cultura ajuda a controlar a comunicação.

Conhecer as próprias atitudes

Os autores aconselham que o indivíduo identifique as atitudes, preconceitos e opiniões que carrega dentro de si e que orientam o modo pelo qual ele vê o mundo. Se ele sabe do que gosta e o que lhe desagrada e o seu nível pessoal de etnocentrismo, então está apto a reconhecer todas essas informações e a detectar de que maneiras essas informações influenciam a comunicação. As suposições pessoais escondidas, tanto com relação a ideias, pessoas, ou a comunidades culturais, são frequentemente a causa de várias das dificuldades do indivíduo na interação.

Conhecer o próprio estilo de comunicação

Essa terceira etapa é mais difícil para o indivíduo, não tão simples quanto identificar os próprios preconceitos ou predisposições. Envolve descobrir que tipo de imagem de si mesmo o indivíduo revela ao resto do mundo. Ele deve perguntar a si mesmo: “Como é que eu me comunico e como os outros me percebem?” Se percebe a si mesmo de uma forma e os outros com os quais ele interage o veem de outro modo, podem surgir sérios problemas. Se ele quiser melhorar sua comunicação, é necessário que saiba como os outros o veem.

Tudo o anteriormente falado demonstra que o ser humano é o principal elemento da comunicação intercultural, é o centro de toda atenção na preparação para os encontros interculturais e vai depender dele se uma interação terá êxito ou não. Como todo ser é único e tem sua forma única de interagir, portanto, cada um será analisado de forma diferente. O resultado da interação vai depender da atenção que o indivíduo prestar ao ritual cultural e às próprias atitudes. Se ele acreditar que está sendo claro com o seu interlocutor e mesmo assim percebe que a mensagem não está sendo compreendida pelo Outro, então a forma, o conteúdo e o modo de veicular essa mensagem precisam ser revistos. Esse fato novamente vem comprovar a importância do indivíduo no processo da comunicação. Numa interação comunicativa, o indivíduo precisa tomar cuidado com os gestos, os olhares e principalmente ser capaz de avaliar o quanto está sendo sutil numa determinada situação, pois essas sutilezas são, frequentemente, as variáveis mais importantes na interação humana. Portanto, ter essa consciência se faz necessário para o sucesso dessa interação.

Destarte, a questão central a ser abordada em seguida será: há um (re) conhecimento da prática intercultural na formação dos profissionais de LE? Falaremos sobre essa questão no próximo tópico.

- **(Re) conhecimento da prática intercultural na formação dos profissionais de LE**

A formação de professores a partir de uma perspectiva intercultural seria um passo importante para romper com a ideia de homogeneidade do ensino, possibilitando a compreensão dos alunos, de sua cultura de origem, criando estratégias para a prática pedagógica que visam atender aos interesses de todos os grupos presentes na escola.

Nessa perspectiva ainda, a formação possibilitaria uma reflexão sobre a complexidade da sociedade atual e de questões nela presentes, tais como: a diversidade cultural, a desigualdade social, o processo de globalização, suas causas e consequências para a vida dos alunos, entre outras questões.

Dentro desse contexto, o presente trabalho objetivou refletir sobre as questões que envolvem a Educação Intercultural.

Compreendendo a universidade e a escola como um campo aberto para as discussões sobre "as culturas" que permeiam nosso contexto escolar, concordamos com Pérez Gómez (2001, p. 17), sobre a necessidade de,

[...] considerar a escola como um espaço ecológico de cruzamento de culturas, cuja responsabilidade específica, que a distingue de outras instituições e instâncias de socialização e lhe confere sua própria identidade e sua relativa autonomia, é a mediação reflexiva daqueles influxos plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações, para facilitar o seu desenvolvimento educativo.

A compreensão dos processos e práticas educativas, como mencionado por Fourquin (1993, p. 167), "[...] supõe levar em consideração as características culturais dos próprios professores, os saberes, os referenciais, os pressupostos, os valores que estão subjacentes [...] à identidade profissional e social". Os formadores de professores de línguas devem ter muito claro o sentido da sua própria identidade étnica e cultural. Há que considerar a formação pessoal e profissional desse formador, pois a história de vida de cada sujeito é o espaço e o tempo onde tal aprendizagem e sensibilização se processam ou não.

Assim, verificamos que, mesmo tendo uma ordem maior estabelecendo os conteúdos que formam o currículo escolar, dependendo da ideologia, da concepção de homem e sociedade incorporados pelos professores durante sua formação e sua experiência, o trato dado aos conteúdos, a maneira de interpretá-los, o sentido/significado estabelecido para o mesmo irá influenciar na prática pedagógica e, portanto, na transmissão/produção cultural.

É claro que cada homem passa por experiências individuais que compõem sistematicamente uma teoria individual e dinâmica sobre o mundo. Por essa razão, o professor interessado em responder ao desafio intercultural que a sociedade do nosso tempo lhe faz necessita, primeiro, ter um conhecimento sólido da matéria que se propõe

ensinar, de modo a poder transmitir imagens, perspectivas e pontos de vista que desmistifiquem estereótipos e preconceitos e promovam a liberdade e a valorização das diferentes culturas convergentes no espaço-aula ou na sua escola. Deve, ainda, envolver-se em processos de aquisição de conhecimento mediante os quais seja levado a analisar os valores e os pressupostos dos diferentes paradigmas e teorias. Ao conhecermos outros modos de categorizar a realidade, ficamos sabendo que a forma de categorização própria da nossa cultura não é universalmente válida, que ela é apenas a forma de fazê-lo na cultura em que estamos inseridos, pois há outras igualmente legítimas e operativas. Assim, se desenvolverá a compreensão mútua – máxima fulcral de todo o processo educativo, através da percepção das semelhanças e das diferenças.

O trabalho explícito sobre interculturalidade em sala de aula promoveria a superação do medo ou de indiferença diante de outra cultura, sendo possível adotar um processo de diálogo, de comunicação entre pessoas ou grupos pertencentes a culturas diferentes, quer relacionadas a regiões, origem social, gênero, ocupação ou a qualquer outro aspecto. Esta atitude parte do princípio da existência da diversidade cultural e da compreensão de que não existem culturas melhores ou piores, mas com características próprias, podendo ser diferentes da cultura materna.

Mesmo sem um enfoque explícito ou consciente sobre cultura e interculturalidade, o professor acaba por trabalhar com situações que levam os alunos à reflexão, à interação com as línguas-culturas presentes na sua aula de LE. Dentro desse contexto de LE ao se desenvolver e aprimorar a língua, dá-se, também, a oportunidade ao aluno de aprender a interpretar as ações, próprias e a dos outros, segundo o conhecimento que ele tem de sua própria cultura e da outra cultura com a qual está entrando em contato, dando a oportunidade de desenvolvê-lo, quando consciente, como pessoa com senso crítico.

Paraná e Almeida (2005, p.72) acreditam que,

Ao trabalhar a interculturalidade o indivíduo é incentivado a desenvolver uma análise mais profunda e uma maior conscientização a respeito da própria cultura, colocando-se em prática a idéia de que é possível tornar familiar o que é pouco conhecido, ou seja, aquilo que pertence a uma cultura que não a sua própria, e questionar o que é familiar, ou seja, elementos da cultura de origem devem ser apreciados sob novos pontos de vista.

Não se pretende, obviamente, que o aluno abandone seus princípios, já que nossas ações sempre serão embasadas nas nossas crenças e valores, mas sim que o professor possibilite a formação de uma postura relativista frente a outras culturas.

A proposta dos PCNs de LE (2000) está em consonância com o entre espaço cultural quando argumenta:

A aprendizagem de Língua Estrangeira contribui para o processo educacional como um todo, indo muito além da aquisição de um conjunto de habilidades lingüísticas. Leva a uma nova percepção da natureza da linguagem, aumenta a compreensão de como a linguagem funciona e desenvolve maior consciência do funcionamento da própria língua materna. Ao mesmo tempo, ao promover uma apreciação dos costumes e valores de outras culturas, contribui para desenvolver a percepção da própria cultura por meio da compreensão da (s) cultura (s) estrangeira (s). O desenvolvimento da habilidade de entender/dizer o que outras pessoas, em outros lugares, diriam em determinadas situações, portanto, há compreensão tanto das culturas estrangeiras quanto da materna. Essa compreensão intercultural promove, ainda, a aceitação das diferenças nas maneiras de expressão e de comportamento (PCN, língua estrangeira, p. 37).

No trecho supracitado percebe-se, então, o interesse por uma aprendizagem de LE, dentro de uma perspectiva intercultural.

Nas Diretrizes Curriculares para os cursos de Letras (PARECER CNE/CES 492/2001, aprovado em 3 de abril de 2001) aparece o perfil e competências do formando que assim se propõe:

O objetivo do Curso de Letras é formar profissionais interculturalmente competentes, capazes de lidar, de forma crítica, com as linguagens, especialmente a verbal, no contexto oral e escrito, e consciente de sua inserção na sociedade e das relações com Outro. Independentemente da modalidade escolhida, o profissional em Letras deve ter domínio do uso da língua ou das línguas que sejam objeto de seus estudos, em termos de sua estrutura, funcionamento e manifestações culturais, além de ter consciência das variedades lingüísticas e culturais.

“Os conteúdos [...] devem articular a reflexão teórico-crítica com os domínios da prática – essenciais aos profissionais de Letras, de modo a dar prioridade à abordagem intercultural, que concebe a diferença como valor

antropológico e como forma de desenvolver o espírito crítico frente à realidade”. (BRASIL, 2001, p. 31)

Como se pode observar, as Diretrizes propõem como objetivo do curso a formação intercultural do professor, colocando em evidência a importância da atitude intercultural acima de aspectos meramente linguísticos. Também direcionam a interculturalidade na estruturação do currículo dos cursos, propondo prioridade em uma abordagem intercultural na formulação dos projetos pedagógicos dos cursos em todas as universidades do país. No entanto, durante a pesquisa que atualmente desenvolvo sobre as competências de formandos de cursos de Letras – Espanhol, analisando os perfis de egressos, habilidades e competências explicitados nos Projetos Político-Pedagógicos de várias universidades brasileiras, observei que nenhuma delas coloca a interculturalidade como prioridade na formação dos professores. Assim, muitas mudanças ainda precisam ser processadas para que a formação do profissional de línguas exercite a consciência intercultural.

Considerações finais

O docente de hoje precisa promover uma educação que seja intercultural, em que a relação de troca recíproca entre as diferentes culturas copresentes na sala de aula seja uma realidade, e que o desenvolvimento cultural se traduza na capacidade de estabelecer diferenças, de não confundir, de não fazer amálgamas, de não misturar, em que, finalmente, o objetivo da cultura seja a categorização. Os alunos devem aprender diferentes modos de categorizar (a sua cultura e a cultura dos outros com quem convivem) e aprender a compreendê-los, conservando os seus próprios.

Se não valorizarmos a língua — cultura do Outro —, a riqueza que se encontra nas diferenças culturais e na linguagem se perde e a interculturalidade deixa de ter sentido. Por esta razão, consideramos aqui a importância das diferenças culturais e do diálogo intercultural não apenas como forma de conhecer o Outro e evitar preconceitos, mas também de fortalecer a própria identidade cultural. O professor, precisa, ainda, de, assumindo um ponto de vista humanista, pedagógica e cientificamente competente, servir-se de formas e meios diversos de comunicação para anular preconceitos, recorrendo a estratégias educativas variadas e a metodologias que sirvam ao conhecimento do Eu e do Outro.

Sobre a formação deste novo profissional, Serrani (2005, p.17-18) afirma que

A formação de um docente de línguas como interculturalista requer a capacitação para que ele não conceba seu objeto de ensino – a língua – como um mero instrumento a ser “dominado” pelo aluno, segundo progressões de complexidade apenas morfosintática ou de apresentação de situações “comunicativas”. O perfil de interculturalista, sensível aos processos discursivos, requer que o profissional considere especialmente, em sua prática, os processos de produção e compreensão do discurso, relacionados diretamente à identidade sócio-cultural.

Ser intercultural é introduzir uma pausa e um momento de reflexão durante o ato de comunicação. Os atuais critérios de eficácia (veiculados pela abordagem comunicativa), baseada numa resposta pronta, nem sempre levam a que as respostas que se dão sejam as mais adequadas ao contexto de comunicação. Ser intercultural é ter aprendido a ver o outro. Se esta aprendizagem for feita, o sujeito deixará de sentir ansiedade ou medo perante o outro desconhecido.

Para Lima (2008), a compreensão da cultura do outro não é uma tarefa simples, visto que este processo envolve, além de emoções e sentimentos, a resignificação de crenças, valores, comportamentos e atitudes, frente a uma cultura que se distingue da sua, o que pode deixar docentes e discentes assustados, inseguros ou até resistentes à aceitação da cultura alheia. O professor, embora não deva assumir uma postura de neutralidade, deve ter o cuidado em perceber de que forma seus próprios estereótipos e crenças irão influenciar ou direcionar os posicionamentos dos alunos, apenas expor sua opinião, esclarecendo que esta poderá se modificar com o tempo, com as experiências e vivências, experimentadas no contato com outros grupos sociais distintos.

Segundo este autor,

Para que uma língua estrangeira seja realmente adquirida, é necessário que seus aprendizes desenvolvam a competência comunicativa intercultural, a fim de que possam lidar com essa comunidade global e descobrir maneiras de ver o mundo ao seu redor sobre uma perspectiva intercultural. Ensinar uma língua estrangeira é, antes de qualquer coisa, ensinar também sua realidade. (LIMA, 2008, p. 89)

Dessa forma, durante o processo de aquisição de uma língua estrangeira, é importante frisar a importância dos fatores culturais, pois eles são decisivos para a

conscientização no que se refere às convenções válidas para a apresentação do conteúdo, e esse processo não deve ser entendido como uma tarefa de verter conteúdos em formas linguísticas, mas também de interpretar o que se quis transmitir junto às formulações linguísticas. Assim, os formadores de professores têm não apenas a responsabilidade de incluir conteúdos relativos a temas culturais nos quais se destaque a diversidade, as diferenças, etc., mas também a do desenvolvimento de metodologias de ensino que permitam a reflexão e a análise intercultural.

A sala de aula é vista como um local onde não há verdades pré-estabelecidas, saberes prontos e imutáveis, um local onde o conhecimento é construído por professores e alunos em conjunto, e onde há sempre lugar para constantes transformações. Construir, desconstruir, reconstruir de formas diferentes – um lugar em constante ebulição. Daí a importância de se trabalhar com todos estes conceitos com professores em formação, de forma que a reflexão sobre eles possa balizar a escolha, avaliação e elaboração de atividades propostas para a sala de aula de língua estrangeira. Não basta a busca não mais somente da constatação das diferenças, mas que estas diferenças possam deixar de ser impedimento para o trânsito entre diferentes culturas, em que o “eu” e o “outro” muitas vezes se encontram.

De acordo com Mendes (2008, p.63), o professor precisa fazer certo esforço para tornar-se culturalmente sensível, ou seja, não se torna um professor intercultural de um momento para outro. Exige vontade, determinação e conhecimento para que possa “incentivar os aprendizes a reconhecer a língua em suas especificidades não só formais, mas, sobretudo, culturais e contextuais, e também reconhecer-se nela como sujeito histórico” e social.

A autora cita três princípios norteadores da Abordagem de Ensino Intercultural, os quais, se forem incluídos na prática do professor de LE, certamente, além de atender a necessidade do aluno consciente do propósito de sua aprendizagem, favorecerá a esse indivíduo exercer sua cidadania de forma mais crítica e inclusiva. O primeiro princípio diz respeito ao modo como vemos o outro, o diferente de nós, e o mundo a nossa volta. São as relações entre diferentes mundos culturais representados pelas culturas individuais de professores e alunos com variadas esferas significativas em interação. O segundo princípio relaciona-se ao modo como nós nos posicionamos no mundo e compartilhamos a nossa experiência, pois as nossas atitudes vão ser guiadas pelo modo

como somos e estamos no mundo, assim como os nossos conhecimentos são produzidos em nossa vivência e partilha com os outros. Daí a necessidade de se buscar respostas para os porquês, como, o quê e onde ensinar e aprender uma língua. Pressupõe “uma atitude, um modo de agir e ser que deve orientar professores e alunos, instrutores ou aprendizes, para o desenvolvimento da intersubjetividade, de uma postura que reconheça as experiências do outro nas suas próprias” (p. 68). O terceiro princípio diz respeito ao modo como nós interagimos, nos relacionamos e dialogamos com o outro. O contexto da interação deve propiciar a vivência de experiências autênticas na/com a língua, em mão dupla, em situação de verdadeiro diálogo de culturas, de modo a transformar o ambiente da sala de aula, ou o ambiente do encontro, num espaço para a difusão da interculturalidade.

Dentro da sala de aula, professores e alunos somos uma somatória de identidades culturais.

Maher (2007, p. 89) reforça a noção de identidades quando afirma:

Além de as identidades culturais não serem uniformes ou fixas, o que ocorre na sala de aula não é a simples justaposição de culturas. Ao contrário: as identidades culturais nela presentes (tanto de professores, quanto de alunos) esbarram, tropeçam umas nas outras o tempo todo, modificando-se e influenciando-se continuamente, o que torna a escola contemporânea não o lugar de “biculturalismos” mas de “interculturalidades”.

Iglesias Casal (2003) apresenta três dimensões às quais devemos nos atentar, já que muitos professores ensinam cultura como algo invariável e estático. (SERCU, 2005). Essas dimensões poderiam ser um ponto de partida na compreensão do ser intercultural:

1. Crenças e atitudes: trabalhar de maneira crítica o conceito de cultura e acerca de preconceitos, discriminação, etnocentrismo e estereótipos.
2. Conhecimentos: capacidade de conhecer nossa própria perspectiva do mundo, nossa identidade cultural, mesmo não sendo unitária e estável.
3. Habilidades: capacidades específicas, técnicas de intervenção e as estratégias para trabalhar com grupos de distintas culturas, para poder estabelecer um diálogo crítico e autocrítico.

Devemos estimular, nos alunos, o estabelecimento de pontes culturais e interleituras que lhes possam assegurar um desenvolvimento mais amplo da democracia, através de uma postura crítica, reflexiva, questionadora, autônoma e libertadora.

A minha trajetória de formadora me leva a postular para os formadores um caminho de reflexões que enfatize na pedagogia crítica a necessidade de conscientização em que os conflitos, vistos como embate entre posturas e construções de significados diversos, são desejáveis e enriquecedores, em que nos posicionamos em busca de um distanciamento do que Freire chama de “saber ingênuo” e em que nos abrimos para o diferente, para o outro. Conforme Freire (2005, p. 149),

Não é a partir de mim que eu conheço você. Em termos de pensamentos filosóficos, é o contrário. A partir da descoberta de você como não-eu meu, que eu me volto sobre mim e me percebo como eu e, ao mesmo tempo, enquanto eu de mim, eu vivo o tu de você. É exatamente quando o meu eu vira um tu dele, que ele descobre o eu dele.

Neste sentido, a educação intercultural é vista desde uma perspectiva integracionista e está estritamente vinculada à educação humanitária, a uma educação que aproxime os indivíduos, fazendo que preconceitos sejam amenizados.

A partir dessa perspectiva, a concepção de Educação é ampliada, passando a ser entendida, como salienta Fleuri (2003, p. 20):

[...] como um processo construído pela relação tensa e intensa entre diferentes sujeitos, criando contextos interativos que, justamente por se conectar dinamicamente com os diferentes contextos culturais em relação aos quais os diferentes sujeitos desenvolvem suas respectivas identidades, se torna um ambiente criativo e propriamente formativo [...].

Fleuri (2003) ainda amplia o conceito de interculturalidade e o define como uma forma de superar as barreiras culturais que separam do “Outro”, construindo uma predisposição para a leitura positiva, para uma multiplicidade cultural e social capaz de promover a reconstituição do próprio indivíduo.

A educação intercultural, então deve ser uma “modalidade de pensar, propor, produzir e dialogar com as relações de aprendizagem” (SOUZA; FLEURI, 2003, p. 73).

É imprescindível, então, que as universidades (re)conheçam que é preciso desenvolver uma prática intercultural nos cursos de formação de professores de LE, conforme as Diretrizes Curriculares.

Concluo a minha fala com as mensagens de dois grandes educadores, Paulo Freire e Confúcio.

O diálogo é o encontro amoroso dos homens que mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam, e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos. (Paulo Freire)

[...] é a partir dos nossos limites que começa o espaço do outro; porque é a partir da existência do Outro que demarca o limite do Eu - o Outro é o incomparável, diferente, mas não inferior, indicando uma diferença que nos ensinará a respeitar nossos próprios limites e também a respeitar o espaço do Outro. (Confúcio)

Referências bibliográficas

AGRA, K.L.O. *A integração da língua e da cultura no processo de tradução*. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em <www.bocc.ubi.pt>, pp 1-18, 2006. Último acesso em jan. 2014.

ALSINA, Miquel Rodrigo. *Los estudios de comunicación intercultural*. Disponível em <<http://www.ehu.es/zer/zer1/4notinvrodr.htm>>. Acesso em 05 abr 2006.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARNA, L. Gli ostacoli della comunicazione interculturale. In: BENNETT, M. *Principi di Comunicazione Interculturale*. Milano: FrancoAngeli, 2002.

BENNETT, M. *Principi di Comunicazione Interculturale*. Milano: FrancoAngeli, 2002.

BERWIG, C.A.; GODOI, E. ; RIBEIRO, A. Mal-entendidos linguísticos: a interface entre o poder e a polidez na comunicação organizacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO CIENTÍFICO DE COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL e RELACIONES PÚBLICAS. Belo Horizonte, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Linguagens Códigos e suas tecnologias*. Parte2. Brasília, DF: MEC/SEF, 2000.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia*. Parecer CNE/CES 492/2001. Brasília, DF: MEC/CNE-CES, 2001.

CANTONI, M. G. S. *A interculturalidade no ensino de LE: uma preparação para o ensino pluricultural – o caso do ensino de língua italiana*. Dissertação de mestrado, UFPR. Curitiba, 2005.

CARNEIRO, R. *Fundamentos da educação e da Aprendizagem: 21 Ensaio para o Século 21*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2001.

FORQUIN, J. C. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FLEURI, R.A. Intercultura e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, n° 23, pp.16-35, 2003.

FLEURI, R. M. Desafios à educação intercultural no Brasil. *Revista PerCursos*, n°. 1, p. 109-128, 2001.

_____. (Org.). *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa**. 31.^a Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRIA, V. L. P. *Aspectos interculturais: um norte para comunicação organizacional*. USP, São Paulo, 2002. Disponível em: <http://www.aberje.com.br/novo/monografias/tcc_van.pdf>. Acesso em 26 mar 2006

GODOI, E. La cultura en la enseñanza del español y de las literaturas hispánicas. In: *Anuario Brasileño de Estudios Hispánicos*, 11, 2001.

GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. 3^a ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

HALL, E.T. *The Silent Language*. New York: Doubleday, 1959.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de RESENDE, A. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de SILVA, Tomaz Tadeu da & LOURO, G. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOFSTEDE, G. *Cultures and Organizations: Softwares of the Mind*. London:MacGraw-Hill, 1991.

IGREJA, J. R. A. Idioms! Reaching the top layer in the learning process. In: *New Routes*. São Paulo, n.30, p.14-17, set 2006.

IGLESIAS CASAL, I. Construyendo la competencia intercultural: sobre creencias, conocimientos y destrezas. In: *Segunda Etapa Carabela*, 54, 5-28. Madrid : SGEL, 2003.

LIMA, D. C. de (Org.) *Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2009.

_____. *Vozes da (Re)Conquista: o papel da cultura no ensino de língua inglesa*. Polifonia, Cuiabá: Editora Universitária, ano 10, n. 15, p. 87-107, 2008.

MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. BORTONI-RICARDO, (Org). *Transculturalidade, linguagem e educação*. Campinas: Mercado de Letras, 2007, pp. 67-94.

MARINUSSI, R. & MILESI, R. *O fenômeno Migratório no Brasil*. Disponível em <<http://www.adital.org.br>>. Acesso em 4 de abril de 2006.

MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais; Língua Estrangeira, 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental*. MEC/SEF (1997-1998).

MEC/SEF *Parâmetros Curriculares Nacionais; introdução, 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental*, 1998.

MEC/SEF. *Parâmetros Curriculares Nacionais; introdução, 3º e 4º do Ensino Fundamental*, 1998.

MEC/SEF *Parâmetros Curriculares Nacionais; Temas Transversais, 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental*, 1998.

MENDES, E. A perspectiva intercultural no ensino de línguas: uma relação “entreculturas”. In: ORTIZ ALVAREZ, M, L.; SILVA, K.A. da (Org.). *Linguística Aplicada: múltiplos olhares*. Campinas/SP: Pontes, 2007, p. 119-140.

MENDES, E. *Abordagem Comunicativa Intercultural (ACIN): uma proposta para ensinar e aprender língua no diálogo de culturas*. Campinas: 2004. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

_____. Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem de ensino intercultural. In: MENDES, E. CASTRO, M. L. S. (Org.). *Saberes em Português: ensino e formação docente*. Campinas/SP: Pontes, 2008, pp. 57-77.

ORGANIZACIÓN EN ESTADOS IBEROAMERICANOS - OEI. Formación en administración y gestión cultural. 1997-1998. Disponível em: <<http://www.campus-ei.org/cult002.htm#Multicult>>. Acesso em 01 abr 2006.

PARANÁ, J. M. F.; ALMEIDA, M. R. Seminários sobre interculturalidade – em busca do resgate da cultura no ensino de língua estrangeira. In: GIMENEZ, T.; JORDÃO, C. M.; ANDREOTTI, V. (Orgs). *Perspectivas educacionais e o ensino de inglês na escola pública*. Pelotas: Educat, 2005.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. *A cultura escolar na sociedade neoliberal*. Poro Alegre: Artmed, 2001.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. [Trad. Silvana Serrani-Infante]. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998, pp. 213-230.

SAMOVAR L., PORTER R., STEFANI L. *Communication Between Cultures*. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1998.

SERRANI, S. *Discurso e cultura na aula de língua: currículo, leitura, escrita*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

SOUZA, M. I. ; FLEURI, R. M. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. FLAURY, R. M. (Org.). *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, pp. 53-83.

SHULER, M. Comunicação Organizacional Intercultural: aspectos culturais influenciando a comunicação entre organizações de diferentes países. Grupo de trabalho da Intercom. In: *XIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. UFRGS. 1995.

SMITH, A.G. *Communication and Culture: Readings in the Codes of Human Interaction*. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1966.

TING-TOOMEY, s. (ed.) *The Challenge of Facework: Cross-Cultural and Interpersonal Issues*. Albany: State University of New York Press, 1994.

VILÁ, R. *El desarrollo de la competencia comunicativa intercultural en una sociedad multicultural y plurilingüe: una propuesta de instrumentos para su evaluación*. Disponível em: <www.ub.es/ice/portaling/seminari/seminari-pdf/45vila.pdf>. Acesso em: 04 ago 2006

WALESKO, A.M.H. *A Interculturalidade no Ensino Comunicativo de Língua Estrangeira: um estudo em sala de aula com leitura em inglês*. Curitiba. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, 2006.